

BEST-SELLER MUNDIAL, O MAIOR CLÁSSICO DO MESTRE DOS THRILLERS JURÍDICOS

SCOTT TUROW

ACIMA

DE

Acusado de um crime terrível, um
homem será obrigado a provar sua
própria inocência

QUALQUER

SUSPEITA

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

 Planeta

SCOTT TUROW

ACIMA

DE

QUALQUER

SUSPEITA



Planeta

Tradução

Sandra Martha Dolinsky



TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Scott Turow, 1987
Copyright da tradução © Sandra Martha Dolinsky, 2023
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2023
Todos os direitos reservados.
Título original: Presumed Innocent

Preparação: Ligia Alves
Revisão: Marcela Neublum e Carolina Forin
Projeto gráfico e diagramação: Nine Editorial
Capa: Rafael Brum

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Turow, Scott
Acima de qualquer suspeita / Scott Turow; tradução de Sandra Martha Dolinsky. -
São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

432 p.

ISBN 978-85-422-2335-4

Título original: Presumed Innocent

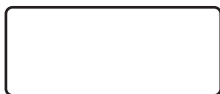
1. Ficção norte-americana I. Título II. Dolinsky, Sandra Martha

23-4343

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2023

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.
Rua Bela Cintra, 986, 4º andar – Consolação
São Paulo – SP – 01415-002
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

CAPÍTULO 1

— Eu deveria estar mais triste — diz Raymond Horgan.

Eu me pergunto, a princípio, se ele está se referindo ao discurso fúnebre que vai fazer. Ele acabou de revisar suas anotações mais uma vez e está guardando duas fichas no bolso da frente de seu terno de sarja azul. No entanto, quando noto sua expressão, vejo que o comentário foi pessoal. No banco traseiro do Buick do condado, ele olha pelo vidro do carro em direção ao trânsito, que vai ficando mais intenso à medida que nos aproximamos do Distrito Sul. Seu olhar assumiu um ar meditativo. Enquanto o observo, percebo que essa pose teria sido eficaz como imagem da campanha deste ano: as feições pesadas de Raymond fixas em uma aparência de solidão, coragem e um traço de tristeza. Mostra um pouco do ar resignado desta metrópole às vezes triste, como os tijolos sujos e os telhados de manta asfáltica desta parte da cidade.

É praxe entre as pessoas que trabalham com Raymond dizer que ele não parece bem. Vinte meses atrás, ele se separou de Ann, com quem ficou casado durante trinta anos. Ganhou peso e uma expressão feroz que sugere que ele, por fim, alcançou aquele momento da vida em que acredita que muitas coisas dolorosas não vão melhorar. Há um ano, todos apostavam que Raymond não teria energia ou interesse para concorrer de novo, e ele esperou até quatro meses antes das primárias para, por fim, anunciar sua candidatura. Há quem diga que foi o vício no poder e na vida pública que o fez prosseguir. Eu acredito que o principal impulso tenha sido o ódio absoluto de Raymond por seu principal oponente, Nico Della Guardia, que até o ano passado era outro promotor adjunto de nosso escritório. Independentemente de qual tenha sido sua motivação, a campanha foi difícil. Enquanto o dinheiro durou, pôde contar com agências e consultores de mídia. Três jovens determinavam como tratar questões como a do Retrato e fizeram essa foto de Raymond ser aplicada na traseira de um a cada quatro ônibus da cidade. Na foto, ele dá um sorriso persuasivo, cujo objetivo é mostrar um capricho fortalecido. Para mim, essa fotografia o faz parecer um idiota. É mais um sinal de que Raymond perdeu o ritmo.

Provavelmente era isso que ele queria dizer quando afirmou que deveria estar mais triste. Ele queria dizer que os eventos parecem estar fugindo a seu controle de novo.

Raymond começa a falar sobre a morte de Carolyn Polhemus, que ocorreu três noites atrás, no dia 1º de abril.

— É como se fugisse à minha compreensão. De um lado, tenho Nico agindo como se tivesse sido eu quem a assassinou. E todos os idiotas com credencial de imprensa do mundo querem saber quando vamos achar o assassino. E as secretárias estão chorando no banheiro. E, além de tudo, como você sabe, tenho que pensar naquela mulher. Cristo, quando a conheci, ela era agente da condicional, antes de se formar em Direito. Trabalhava para mim, eu a contratei. Era uma garota inteligente, sexy, uma baita advogada. Às vezes, fico pensando no que aconteceu... Eu achava que estava calejado, mas Jesus... Um cretino invade a casa dela, e é assim que ela acaba? Esse é seu *au revoir*? Com um verme demente rachando seu crânio? Jesus! — Raymond diz, de novo. — A tristeza não acaba.

— Ninguém invadiu lugar nenhum — digo, por fim.

Meu súbito tom declarativo surpreende até a mim. Raymond, que momentaneamente retomou a análise de uma pilha de papéis que pegou no escritório, levanta a cabeça e me encara com um olhar cinzento perspicaz.

— De onde você tirou isso?

Não me apresso em responder.

— Encontramos a mulher estuprada e amarrada — prossegue Raymond. — Cá entre nós, eu não começaria a investigação pelos amigos e admiradores dela.

— Não havia janelas quebradas — digo — nem portas forçadas.

Nesse momento, Cody, policial há trinta anos que está vivendo seus últimos dias na polícia dirigindo o carro do condado de Raymond, interrompe a conversa. Hoje ele está anormalmente calado, poupando-nos de seus costumeiros devaneios sobre as situações boas e ruins do ofício que testemunhou aos montes na maioria das avenidas da cidade. Ao contrário de Raymond – ou melhor, de mim –, ele não tem dificuldade para se deixar levar pela tristeza. Está com cara de quem não dormiu, o que dá a seu rosto um ar mais pesado. Minha observação sobre as condições do apartamento de Carolyn o incomodou por algum motivo.

— Todas as portas e janelas estavam destrancadas — afirma ele. — Ela gostava assim. Aquela mulher vivia no mundo da fantasia.

— Acho que alguém estava tentando ser esperto — digo a ambos. — Isso pode ter sido uma distração.

— Que isso, Rusty — diz Raymond. — Estamos procurando um bandido. Não precisamos de nenhum Sherlock Holmes para isso. Não venha questionar os detetives de homicídios. Fique na sua, não me arranje problemas. Pegue um criminoso e salve a minha pele inútil.

Ele sorri para mim, com um olhar sagaz e caloroso. Raymond quer que eu saiba que ele está segurando as pontas. Além disso, não é preciso enfatizar ainda mais as implicações de capturar o assassino de Carolyn.

Em seus comentários sobre a morte dela, Nico tem sido ultrajante, oportunista e implacável. “A abordagem negligente do promotor de justiça à aplicação da lei nos últimos doze anos fez dele um cúmplice dos criminosos da cidade. Nem os membros de sua equipe estão seguros, como ilustra esta tragédia.” Nico não explicou de que maneira o fato de Raymond o ter contratado como procurador adjunto há mais de uma década se encaixa na ligação de Raymond com a ilegalidade. Mas não cabe ao político explicar. Além disso, Nico sempre teve uma conduta pública descarada. Essa é uma das coisas que o capacitam para uma carreira política.

Capacitado ou não, Nico deve perder as primárias, para as quais faltam dezoito dias. Raymond Horgan vem maravilhando um milhão e meio de eleitores registrados no condado de Kindle há mais de uma década. Este ano, ele ainda não conseguiu o apoio do partido, mas isso se deve, em grande parte, a uma antiga disputa partidária com o prefeito. A equipe política de Raymond – um grupo no qual nunca fui incluído – acredita que, quando a primeira pesquisa pública sair, nos próximos dez dias, outros líderes partidários poderão forçar o prefeito a mudar de opinião, e então Raymond estará a salvo por mais um mandato. Nesta cidade de partido único, vencer as primárias é quase como ganhar as eleições.

Cody se vira para trás e comenta que estamos perto. Raymond assente, distraído. Cody interpreta isso como consentimento e leva a mão à parte de baixo do painel para ligar a sirene. Dá dois breves toques, quase como um sinal de pontuação no trânsito; os carros e caminhões se separam perfeitamente, e o Buick escuro avança. Este bairro ainda é periférico – casas

antigas com telhados de telhas e alpendres lascados. Crianças pálidas, cor de batata, brincam com bolas e cordas na rua. Eu cresci a uns três quarteirões daqui, em um apartamento em cima da padaria do meu pai. Lembro-me daqueles anos como sombrios. Durante o dia, minha mãe e eu – quando eu não estava na escola – ajudávamos meu pai na padaria. À noite, ficávamos trancados em um quarto enquanto ele bebia. Não havia outras crianças. O bairro não é muito diferente hoje; ainda é cheio de gente como meu pai: sérvios como ele, além de ucranianos, italianos, poloneses – tipos étnicos que mantêm sua própria paz e uma mentalidade simplória.

Estamos parados no trânsito intenso da tarde de sexta-feira, atrás de um ônibus que solta sua fumaça tóxica com um estrondo. Há um pôster da campanha de Horgan nele também: um metro e oitenta de largura com Raymond olhando para cima com a expressão infeliz de um apresentador de programa de entrevistas ou de um porta-voz de comida enlatada para gatos. Raymond Horgan é meu futuro e meu passado. Estou com ele há doze anos, plenos de lealdade e admiração autênticas. Sou seu segundo em comando, e sua queda seria a minha. Mas não posso evitar; não há como silenciar a voz de meu descontentamento; ela tem seus próprios imperativos. E, agora, fala com essa foto de maneira repentina e direta. “Imbecil”, ela diz. “Você é um imbecil.”

Quando viramos na Third Street, vejo que o funeral se tornou um evento importante para o Departamento de Polícia. Metade dos carros estacionados são pretos e brancos, e há policiais em duplas e trios subindo e descendo pelas calçadas. Matar uma promotora é quase como matar um policial, e, independentemente dos interesses institucionais, Carolyn tinha muitos amigos na polícia – o tipo de súditos leais que um bom promotor conquista quando valoriza o trabalho policial e garante que não seja desperdiçado no tribunal. Mas há também, claro, o fato de que era uma mulher bonita e de personalidade moderna. Carolyn, como sabemos, era bem relacionada.

Perto da capela, não há o que fazer: o trânsito está congestionado. A cada poucos metros, temos que esperar que os carros à frente liberem os passageiros. Os veículos dos VIPs – limusines com placa oficial, gente da imprensa em busca de vagas – obstruem o caminho com indiferença

bovina. Os repórteres de TV ou rádio, em particular, não obedecem à lei local nem às regras de civilidade. A van Minicam de uma das estações, com sua antena parabólica no teto, está estacionada na calçada, bem em frente às portas de carvalho abertas da capela, e vários repórteres abordam a multidão como se estivessem em uma luta de boxe, empurrando microfones na cara das pessoas.

— Depois — diz Raymond enquanto atravessa a horda de jornalistas que cerca o carro assim que, finalmente, alcançamos o meio-fio.

Ele explica que dirá algumas coisas no discurso fúnebre que repetirá do lado de fora. Faz uma pausa longa o suficiente para agradecer Stanley Rosenberg, do Canal 5. Como sempre, Stanley terá a primeira entrevista.

Paul Dry, da equipe do prefeito, está gesticulando para mim. Parece que sua excelência quer falar com Raymond antes de começar a cerimônia. Transmito a mensagem no momento em que Horgan está se livrando dos repórteres. Ele faz uma careta — imprudentemente, pois Dry com certeza pode ver — e acompanha Paul, desaparecendo na escuridão gótica da igreja. O prefeito, Augustine Bolcarro, tem o caráter de um tirano. Dez anos atrás, quando Raymond Horgan era uma cara nova na cidade, quase derrotou Bolcarro nas eleições. Quase. Desde que perdeu naquela primária, Raymond fez todos os gestos apropriados de fidelidade. Mas Bolcarro ainda sente a dor de suas velhas feridas. Agora que, por fim, é a vez de Raymond enfrentar uma primária disputada, o prefeito afirmou que seu cargo exige neutralidade e pretendia também negar o apoio do partido. É evidente que está gostando de ver Raymond nadar sozinho até a costa. Mas, quando Horgan chegar à praia, Augie será o primeiro a cumprimentá-lo, dizendo que sempre soube que Raymond venceria.

Dentro da capela, os bancos já estão bastante ocupados. À frente, o caixão está rodeado de flores — lírios e dalias brancas —, e imagino, apesar de tanta gente, um vago perfume floral no ar. Abro caminho à frente, acenando para várias pessoas e apertando mãos. É uma multidão de peso: todos os políticos da cidade e do condado, além da maioria dos juizes e dos brilhantes advogados de defesa. Vários grupos de esquerda e feministas com os quais Carolyn às vezes se alinhava também estão representados. Todos conversam discretamente, como é apropriado, e as expressões de choque e pesar são sinceras.

Dou um passo para trás e esbarro em Della Guardia, que também está interagindo com a multidão.

— Nico! — digo, e aperto sua mão.

Ele está com uma flor na lapela, hábito que adquiriu quando passou a ser candidato. Pergunta por minha esposa e filho, mas não espera minha resposta. Assume repentinamente um ar trágico de sobriedade e começa a falar sobre a morte de Carolyn.

— Ela era... — Ele faz um gesto com a mão, buscando a palavra.

Percebo que o arrojado candidato a promotor de justiça aspira à poesia e o interrompo:

— Ela era maravilhosa — digo.

Fico momentaneamente surpreso com meu súbito ímpeto sentimental e a força e velocidade com que saiu de algum lugar interno oculto.

— Maravilhosa. Isso mesmo, muito bom.

Nico assente com a cabeça; de repente, uma sombra volúvel passa pelo seu rosto. Eu o conheço bem, sei reconhecer que encontrou um pensamento que acredita ser vantajoso para ele.

— Imagino que Raymond esteja pressionando bastante nesse caso.

— Raymond Horgan pressiona bastante em todos os casos. Você sabe disso.

— Ué, sempre pensei que você não fosse político, Rusty. Está pegando suas falas com os redatores de Raymond agora?

— São melhores que os seus, Delay.

Nico ganhou esse apelido quando éramos ambos novos procuradores adjuntos da corte de apelação. Ele nunca conseguia terminar uma argumentação no prazo. John White, o antigo subchefe, chamava-o de Unavoidable Delay Guardia.¹

— Ah, vocês não estão com raiva de mim pelo que andei dizendo, não é? — provoca ele. — Porque eu acredito naquilo; acredito que a efetiva aplicação da lei começa de cima. Eu acredito nessa verdade. Raymond é mole, está cansado, não tem mais energia para ser durão.

Conheci Nico há doze anos, em meu primeiro dia de promotor adjunto, quando fomos designados para dividir o mesmo escritório. Onze anos depois,

1. A cláusula “Unavoidable Delay” refere-se ao atraso inevitável e costuma constar nos contratos firmados com construtores nos Estados Unidos. (N.E.)

eu era subchefe da promotoria, e ele chefe da Homicídios, e eu o demiti. Nessa época, ele já havia começado a tentar abertamente tirar Raymond do cargo. Nico queria processar um médico preto, abortista, por assassinato. Nos termos da lei, sua postura não fazia sentido, mas excitava as paixões de vários grupos de interesse cujo apoio ele buscava. Nico plantava notícias sobre seus desentendimentos com Raymond; fazia argumentações no tribunal do júri – para as quais sempre organizava grande cobertura da imprensa – que eram praticamente discursos de campanha. Mas Raymond deixou o último ato para mim. Certa manhã, fui ao Kmart e comprei o par de tênis de corrida mais barato que encontrei. Depois, coloquei-os no centro da mesa de Nico, com um bilhete: “Adeus. Boa sorte. Rusty”.

Sempre soube que fazer campanha seria adequado para ele. Nico Della Guardia está em torno dos quarenta anos agora, é um homem de boa aparência, estatura mediana, meticulosamente esguio. Ele se preocupa com seu peso, com o consumo de carne vermelha e coisas desse tipo desde que o conheço. Embora tenha a pele ruim e uma coloração peculiar – cabelo ruivo, pele morena e olhos claros –, tem o tipo de rosto cujas imperfeições não são detectadas por uma câmera, nem no tribunal, e é uniformemente considerado bonito. Sem dúvida, ele sempre entrou no personagem. Mesmo na época em que isso exigia metade de seu salário, mandava fazer os ternos sob medida.

Muito além da boa aparência, porém, o aspecto mais cativante de Nico sempre foi a sinceridade aguda e indiscriminada que agora ostenta, recitando pontos de sua plataforma política enquanto conversa, no meio de um funeral, com o principal assistente de seu oponente. Depois de doze anos, incluindo dois em que dividimos um escritório, aprendi que Delay sempre consegue invocar esse tipo de fé exagerada e irrefletida em si mesmo. Na manhã em que o despedi, nove meses atrás, ele passou pela minha sala ao sair, reluzente como uma moeda nova, e disse, simplesmente: “Eu volto”.

Tento dar a má notícia a Nico com delicadeza.

— Tarde demais, Delay. Já prometi meu voto a Raymond Horgan.

Ele demora a entender a piada e, quando entende, não larga o assunto. Ficamos apontando as fraquezas um do outro. Nico admite que sua campanha está com pouco dinheiro, mas afirma que o apoio tácito do arcebispo lhe dá “capital moral”.

— É aí que nós somos fortes — diz ele. — É assim que vamos conquistar votos. O povo já esqueceu por que quis votar no Raymond dos direitos civis. Ele é só uma lembrança difusa, um borrão. Mas eu tenho uma mensagem forte e clara.

A confiança de Nico é radiante, como acontece sempre que fala sobre si mesmo.

— Sabe o que me preocupava? — pergunta Nico. — Sabe quem teria sido difícil derrotar? — Ele se aproxima um pouco mais e baixa a voz: — Você.

Eu rio alto, mas Nico continua:

— Fiquei aliviado. Estou dizendo a verdade. Fiquei aliviado quando Raymond anunciou a candidatura dele. Eu já tinha previsto: Horgan faz uma grande coletiva de imprensa, anunciando que vai se aposentar, mas que pediu para seu principal assistente continuar seu legado. A mídia adoraria Rusty Sabich, um não político, promotor de carreira, estável, maduro, em quem todos podem confiar. O homem que acabou com a Gangue dos Santos. Eles usariam todos esses argumentos, e Raymond faria Bolcarro apoiar você. Teria sido duro derrotá-lo, muito duro.

— Ridículo — digo, fingindo com bravura que cenários como esses não surgiram em minha imaginação em centenas de ocasiões no ano passado. — Você é uma figura, Delay. Dividir e conquistar.² Você não para nunca.

— Escute, meu amigo — diz ele —, eu sou um dos seus admiradores verdadeiros, juro. Sem ressentimentos. — Leva a mão ao coração. — Essa é uma das poucas coisas que não vão mudar quando eu chegar lá: você vai continuar sendo subchefe.

Simpático, digo a ele que está falando bobagem:

— Você nunca será promotor e, se fosse, sei que prefere Tommy Molto. Todo mundo sabe que Tommy é seu protegido.

Tommy Molto é o melhor amigo de Nico, foi o segundo em comando na Homicídios. Molto não aparece no escritório há três dias. Não ligo, sua mesa está vazia. Todo mundo acredita que, assim que

2. "Dividir e conquistar" é uma técnica empregada para projetar algoritmos usada pela primeira vez nos anos 1960. Ela consiste em "quebrar" o problema em frações menores, mais fáceis de resolver, e em combiná-las para obter a solução completa. (N.E.)

o furor da morte de Carolyn diminuir um pouco, na próxima semana, Nico organizará outro evento para a mídia e anunciará que Tommy entrou em sua campanha. Isso vai provocar mais algumas manchetes. “Promotor adjunto decepcionado de Horgan apoia Nico.” Delay maneja bem essas coisas. Raymond tem um ataque sempre que ouve o nome de Tommy.

— Muito? — pergunta Nico, com um olhar de inocência pouco convincente.

Mas não tenho chance de responder. No púlpito, o reverendo solicita às pessoas que tomem seus lugares. Então, sorrio para Della Guardia – na verdade, dou um sorriso de escárnio – e me afasto, abrindo caminho em direção à frente da capela, onde Raymond e eu, na qualidade de representantes da promotoria, deveríamos nos sentar. Enquanto sigo, porém, cumprimentando com gestos contidos pessoas que conheço, ainda sinto o calor da forte confiança de Nico. É como sair do sol escaldante: a pele formiga e fica sensível. E me ocorre abruptamente, quando consigo a primeira visão clara do caixão platinado, que Nico Della Guardia pode realmente vencer. É uma profecia anunciada por uma vozinha em algum lugar dentro de mim, alta o suficiente, como uma consciência lamuriante, para me dizer o que não quero ouvir. Por mais indigno, desqualificado e desprovido de humanidade que ele seja, pode haver algo que leve Nico à vitória. Aqui, nesta região dos mortos, não posso deixar de reconhecer o apelo carnal de sua vitalidade e até onde isso pode levá-lo.

Em consonância com a natureza deste evento, duas fileiras de cadeiras dobráveis foram posicionadas ao lado do caixão de Carolyn. Estão ocupadas, em sua maior parte, pelos dignitários cuja presença se poderia esperar. A única figura desconhecida é um garoto, no final da adolescência, que está sentado ao lado do prefeito, bem perto do caixão. Seu cabelo loiro forma um emaranhado mal penteado, e sua gravata está apertada demais, de modo que as pontas do colarinho de sua camisa de tecido sintético ficam erguidas. Um primo, concluo, talvez um sobrinho, mas definitivamente – e surpreendentemente – um parente. A família de Carolyn, pelo que entendi, vive toda no leste, onde ela pretendia deixá-la. Ao lado do garoto, na primeira fila, há mais pessoas ligadas ao prefeito do que deveria, e não

sobra lugar para mim. Quando passo pela fileira atrás de Horgan, ele se volta para mim. Pelo jeito, observou minha conversa com Della Guardia.

— O que Delay disse?

— Nada. Um monte de bobagem. Está ficando sem dinheiro.

— Quem não está? — responde Raymond.

Pergunto sobre a conversa com o prefeito, e Horgan revira os olhos.

— Ele queria me dar um conselho, em segredo, só eu e ele, porque não quer que pareça que está tomando partido. Disse que acha que minhas chances aumentariam muito se prendêssemos o assassino de Carolyn antes do dia da eleição. Dá para acreditar nesse cretino? E ele falou com a cara séria, não tive como deixá-lo falando sozinho. Está se divertindo muito. Veja só ele ali. — Aponta. — O mais sentido.

Raymond, como sempre, não consegue se conter em relação a Bolcarro. Olho em volta, torcendo para que ninguém tenha nos ouvido. Jogo o queixo em direção ao jovem sentado ao lado do prefeito.

— Quem é o garoto? — pergunto.

Acho que não entendi a resposta de Horgan e me inclino para mais perto. Raymond traz o rosto até meu ouvido.

— Filho dela — diz, de novo.

Eu me endireito.

— Foi criado pelo pai em Nova Jersey — explica Raymond —, depois veio para cá fazer faculdade.

A surpresa me faz recuar. Murmuro algo para Raymond e sigo até minha cadeira, na ponta, entre dois pedestais com coroas de flores de tamanho considerável. Por um instante, tenho certeza de que esse momento de choque passou, mas, quando um tom inesperadamente vibrante sai do órgão logo atrás de mim e o reverendo profere suas primeiras palavras, meu espanto se aprofunda, ondula e encobre a ferida infectada da tristeza verdadeira. Eu não sabia. Sinto uma espécie de incompreensão tremulante. Não parece plausível que ela tenha omitido um fato como esse. Um marido, eu já imaginava há muito tempo, mas ela nunca mencionou um filho, muito menos morando perto, e preciso conter um impulso imediato de sair, de me retirar dessa escuridão da capela para sentir o efeito moderador de uma luz forte. Com força de vontade, depois de alguns momentos, eu me obrigo a prestar atenção ao que está acontecendo.

Raymond chegou ao púlpito; não houve apresentação formal. Outras pessoas, como o reverendo sr. Hiller e Rita Worth, da Comissão de Mulheres da Ordem dos Advogados, falaram brevemente, mas agora uma solenidade repentina e imponente se instala no ar, uma forte corrente que me arranca de meu ressentimento. As pessoas, centenas, vão se calando. Raymond Horgan tem suas deficiências como político, mas é um homem público consumado, um orador, uma presença. Calvo, cada dia mais corpulento, mas ali, com seu belo terno azul, transmite sua angústia e seu poder como a luz de um farol.

Suas observações são anedóticas. Fala da contratação de Carolyn apesar das objeções de promotores mais obstinados, que consideravam os agentes da condicional meros assistentes sociais. Celebra sua dureza e frieza. Recorda casos que ela venceu, juízes que desafiou, regras arcaicas que gostava de ver quebradas. Na voz de Raymond, essas histórias têm um bom senso comovente, uma doce melancolia por Carolyn e toda a sua coragem perdida. Realmente, não há ninguém igual a ele em um cenário como este, falando com as pessoas sobre o que pensa e sente.

Mas não consigo me recuperar depressa da surpresa dos momentos anteriores. Acho que tudo isso – a dor, o choque, a força penetrante das palavras de Raymond, minha tristeza profunda e indescritível – está forçando os limites de minha tolerância e da compostura que preciso desesperadamente manter. Barganho comigo mesmo: não vou ao enterro. Tenho trabalho a fazer, e a promotoria já está representada. As secretárias e escrivãs, mulheres mais velhas que sempre criticaram o jeito de Carolyn e que estão aqui agora, chorando nas primeiras filas, vão se amontoar ao lado do túmulo e lamentar mais uma das infinitas desolações da vida. Deixarei que homenageiem a partida de Carolyn em campo aberto.

Raymond finaliza seu discurso. O registro impressionante de sua performance, testemunhado por tantos que o consideram encurralado, causa uma agitação palpável no auditório enquanto ele caminha em direção à sua cadeira. O reverendo informa os detalhes do enterro, mas não presto atenção. Estou decidido: vou voltar ao escritório. Como deseja Raymond, vou retomar a busca pelo assassino de Carolyn. Ninguém vai se importar – muito menos a própria Carolyn, acho. Já prestei meus respeitos a ela. Até demais, como ela mesma poderia dizer. Muitas vezes. Ela sabe e eu sei que já vivi meu luto por Carolyn Polhemus.